

O USO DE MAPAS MENTAIS NA FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO: ESTUDO DE CASO - ENSINO FUNDAMENTAL II

Thales Fernandes da Silva Oliveira
thalesgeosilva@ig.com.br

Primeiras Palavras

O uso de determinados termos da Ciência Geográfica, apesar de serem largamente empregados pelo senso comum, causam dificuldades de compreensão da realidade, pelas peculiaridades e constante discussão ao redor desses conceitos, para defini-los, analisá-los e delimitá-los dentro de uma concepção científica, de interpretação da realidade.

Para a construção do conceito em questão – o espaço geográfico, deve-se levar em conta algumas questões basilares. Primeiro, o porquê do conceito. O espaço geográfico é o cerne da ciência geográfica, é o processo que condiciona e é condicionado pela relação sociedade e natureza; é onde se materializa e abstraem-se as técnicas como meio de ligação entre os sistemas de objetos e sistemas de ações.

Portanto, o espaço traz dentro de si, em maior ou menor grau todos os demais conceitos geográficos. É nele onde são e estão delimitados os diferentes territórios, onde se criam e recriam os sentimentos de poder e pertença àquele fragmento de espaço; é onde se criam as diferenciações regionais, onde se estabelecem os critérios e os condicionantes de sua classificação, onde o ser humano, na construção de seu espaço, reinventa seus costumes e contribui para a fundamentação étnica do espaço, entendido como região; é no espaço de si e do outro, onde se faz manifestar um maior grau de intimidade, onde se observam as maiores relações afetivas com esse trecho espacial – o lugar, e finalmente, é nele que se percebem, vivem e concebem a paisagem, fenótipo do espaço, mesclando todas as relações de modo sensível e de temporalidades diversas, seja de técnicas, objetos, ou de ações, calcada pela diferenciação das próprias dimensões espaciais e, sobretudo temporais.

O espaço, o constante fazer das ações humanas, desemboca, segundo Santos (2008, p.29), num conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, intermediado pelas técnicas, que criam as situações necessárias e essenciais para o processo de sua produção e reprodução.

Desse modo, o espaço apresenta-se, atualmente, como um produtor de relações, e ao mesmo tempo como um produto dessas relações, onde um sistema de objetos, entendidos, assim como criações humanas na própria construção espacial, a fim de atender a determinadas necessidades, configura-se como um conjunto, ou melhor, como uma verdadeira população de objetos, que de acordo com o momento histórico, ou com as variáveis de cada grupo social e a relações que estes estabelecem como meio em que vivem, podem aceitar, refutar, transformar ou alterar esses objetos, filtrando sua funcionalidade ou atribuindo-lhe outras, tendo em vista algumas modificações para adaptar-se a cada situação sócio-espacial já estabelecida, o que, não será garantia, entretanto de que objeto vá ser implementado em sua totalidade, nem física, nem funcional ou mesmo instrumental que originalmente se pensou ou projetou.

E no caso em questão, de como esses alunos o fazem, se o percebem, e como percebem, como representam esse espaço, através de suas observações e idéias que guardam desse ambiente, por meio de suas experiências e vivências.

Essas imagens os homens constroem pouco a pouco, e sua visão do mundo, seus valores, vão formando-se a partir dela, o que o homem sabe do espaço é adquirido a partir do que vê e percebe [...] O homem constrói imagens mentais do percebe e representa. (NOGUEIRA, 1994, p. 64).

Assim, num primeiro momento, entre espaço e tempo, as técnicas materializam justamente os modos de vida que vão se sucedendo, se sobrepondo e justapondo, na assimilação destas, no processo de reprodução espaço-temporal; as técnicas, inclusive, são de importância crucial, para uma maior interseção entre espaço e tempo, entendido como dimensões indissociáveis, pois o espaço é vencido pelo tempo e o tempo se faz presente na configuração espacial, pois se manifestam como resultado das ações e como agente dessas mesmas ações, deixando suas marcas no espaço, enquanto este, através de sua força produtiva perpetua-se no tempo e também cria tempos desiguais, em sociedades de níveis de assimilação e técnico diferenciados.

Por último, é na relação entre sociedade e natureza que as técnicas alcançam seu cerne de abstração, pois, é partir delas, que a sociedade pode impor transformações exclusivas na natureza, e são com as técnicas que o ser humano atribui uso e valor ao espaço que modifica. Portanto, na utilização das técnicas, independente das relações espaço-temporais, ou ainda numa situação entre sistema de objetos e sistemas de ações, deixa a sua marca, através do uso, em maior ou menor grau, com uma assimilação e apropriação mais ou menos adequada, exclusiva ou não pra cada sociedade que delas fazem uso, mas, que no fim do processo, apresenta-se o ponto de partida da relação sociedade-natureza, manifesta através do trabalho humano, que imprime sua marca no espaço.

E no exemplo desses alunos, tentar identificar como esse espaço se faz presente em suas vivências, representações, em seus mapas mentais, e como essas representações irão dar subsídios de uma leitura espacial que estes alunos fazem do próprio espaço em que estão inseridos e convivem.

Portanto, o emprego desses conceitos, que estão em constante apreciação e revisão, embora cientificamente abordados, torna-se uma missão árdua para a compreensão daqueles que estão tendo um primeiro contato ou um contato mais sutil com esses objetos geográficos: alunos de ensino fundamental – II.

Para tanto, para se tentar aproximar a Geografia da realidade desses alunos, torna-se imprescindível torná-la palpável, perceptível a seus olhos, tentar mostrar como esse conhecimento está presente em seu cotidiano, no seu fazer o espaço.

A tomada de consciência do fazer o espaço e interagir com ele, de ser influente e influenciado pelo espaço, faz do aluno, antes de tudo, um ser humano, de se ver como sujeito do espaço, de conceber essas relações, mesmo que de forma mais sutil, mas ainda assim está presente nele, impregnado no seu modo de vida e no construir e reconstruir incessantemente esse espaço, ao sabor das condições sócio-econômicas e espaços-temporais que amarram e amalgamam essa relações.

De acordo com Freire (2005), essas transformações do espaço são próprias do ser humano no ser fazer espacial, de como ele interage e é influenciado por ele.

[...] É um comportar-se do homem frente ao meio que o envolve, transformando-o em mundo humano. Absorvido pelo meio natural, responde a estímulos; e o êxito de suas respostas mede-se por sua maior ou menor adaptação: naturaliza-se. Desapegado de seu meio vital, por virtude da consciência, enfrenta as coisas objetivando-as, e enfrenta-se com elas, que deixam de ser simples estímulos, para se tornarem desafios. O meio envolvente não o fecha, limita-o – o que supõe a consciência do além-limite. Por isto, porque se projeta intencionalmente além do limite que tenta encerrá-la, pode a consciência desprender-se dele, liberar-se e objetivar, transsubstanciando o meio físico em mundo humano [...] (FREIRE, 2005, p. 13).

Assim sendo, a tomada de consciência do meio circundante e de sua relação com este, faz do indivíduo sujeito, capaz de apropriar-se desse espaço de um modo mais

intencional, atendendo suas necessidades e anseios mediante os recursos e as possibilidades existentes.

Nesse caso, ao aproximar a Geografia dessa realidade, assegurar a sua real colaboração nesse processo, faz-se necessário observar outros conceitos, para se ter uma noção mais aprofundada do meio em que se insere e neste caso, o território surge como ferramenta de percepção de outras manifestações de poder e de identidade como o espaço, e determinações de como esse espaço é apropriado e usado, bem como quem faz dele esse ou aquele uso e ocupação.

A partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produzido, as rugosidades e as formas-conteúdo. (SANTOS, 2008, p. 22)

Conseqüentemente, na criação e recriação do espaço, o devir da conformação espacial, traz dentro de si os demais conceitos e, portanto, a configuração do espaço é resultado das ações e técnicas que impregnam-no do fazer humano nele, e que vai ser percebido, vivido e concebido de diferentes maneiras por aqueles que dele faz uso e o transforma constantemente.

Entendido assim, a percepção do espaço se faz mediante a compreensão das relações existentes nele, e, portanto, ponto de partida para identificar como este vai configurar-se diante de cada um, de como vai apresentar-se e de que modo vai ser apropriado e percebido, a ainda, que relações espaço-temporais serão observáveis, no uso desse espaço, mediante os técnicas, objetos e ações de cada indivíduo, e deste para o conjunto da sociedade e ainda na sua relação com a natureza.

Portanto, devem-se considerar os seguintes pontos. Primeiro, tentar identificar como esse espaço pode ser representado a partir da percepção deste; e segundo como essa representação pode materializar o papel que o espaço vai desempenhar no meio e nas relações através do tempo, definidas a partir do fazer sociedade-natureza.

Partindo do primeiro ponto, a própria concepção desse tipo de espaço, e representá-lo em um mapa não é meramente uma conjunção de símbolos e imagens, mas uma materialização dos conhecimentos anteriores, de vivências concebidas ao longo da vida de quem o constrói. Em outras palavras, é a sistematização dos saberes e valores estabelecidos pela experiência e pelo meio ambiente, que são postos no mapa, estabelecendo distâncias não só por condições físicas, da fricção espaço e tempo, mas ao mesmo tempo afetivas, que reduzem distâncias pelos aspectos humanizados.

A apreensão da realidade é o modo visível de como o espaço, visto através de um mapa ou instrumento de representação se insere em seu meio, ou seja, de como interage com ele. Portanto, um método de interpretação do espaço tanto simples como complexo, tendo em vista o que está desenhado no papel.

[...] Primeiramente, nos situaremos diante desta problemática. O espaço vivido está relacionado com o espaço percebido, e ambos são fases do espaço mental, produzido portanto, a partir de uma experiência vivida e percebida ao longo de um tempo e espaço. [...] este percebido é concebido no dia a dia na produção da vida material a partir de experiências e histórias de vida e conhecimento adquirido. (NOGUEIRA, 1994, p.62)

Desse prisma, o segundo elemento a se considerar é a materialização dessa representação do espaço por intermédio de um mapa ou croqui, vai dar maior vivacidade ou importância àqueles elementos ou valores que são mais perceptíveis à realidade do indivíduo, tendo em vista o uso e ocupação que ele vai dispensar a cada um desses elementos. Assim

sendo, podem-se ter hierarquizações distintas, independentes da escala, mas com significância mais importante no discernimento de cada um. Pode-se ter uma casa desenhada maior do que uma igreja ou delegacia; uma rua mais larga que uma avenida; ou ainda um bar como ponto de referência, mesmo que ele esteja situado ao lado de uma farmácia, escola, ou outro equipamento urbano mais utilizado pela sociedade em geral.

Nesse caso, o espaço é visto em suas variadas escalas, e o uso das técnicas vai sendo determinado pelos interesses e vivências da sociedade e do indivíduo, que vai assimilando e absorvendo os diferentes modos de apropriação e reprodução espacial. Não é demais registrar, a reciprocidade do espaço para com o indivíduo e o uso das técnicas, pois é meio e produto, é construção, (des)construção e reconstrução, que vai dinamizando as relações envolvidas.

Mas além dessa situação, essas construções servem como facilitadoras do próprio processo de aprendizagem, uma vez que transformam palavras em símbolos, sinais e traços.

Nessa perspectiva, procuramos associar conceitos básicas da Ciência Geográfica: espaço, território, lugar, região e paisagem, como ferramentas comuns à utilização, compreensão, confecção e interpretação da Geografia.

Num mapa, sobretudo o do ambiente, no qual o indivíduo é parte integrante, encontram-se variadas pistas, tanto geográficas quanto históricas, o que facilitaria a compreensão da realidade vivida por esse aluno.

[...] pois o aluno, possui também imagens de seus lugares, conhecimento desses que precisam ser trabalhados e valorizados como mais um elemento na produção do conhecimento geográfico. (NOGUEIRA, 1994, p.68)

E, finalmente, o espaço concebido, que, reunindo os dois níveis anteriores, garante uma interação com o meio, podendo ser perfeitamente representada a realidade em questão.

O espaço geográfico, entendido como um dos conceitos-chave da Geografia, está repleto de interpretações distintas. Embora, sempre relacionadas entre a sociedade e a natureza, seja de forma mais ou menos direta. Ao longo da evolução desse conceito, têm-se distintas maneiras de enxergá-lo, de percebê-lo, de senti-lo. Assim compreendido, o espaço pode ser manifestado de diferentes formas, que são materializações da percepção humana e seu papel na construção desse mesmo espaço.

Essa materialização é o reflexo de como o indivíduo enxerga e “lê” o meio em sua volta. É o modo como se instrumentaliza e absorve as características desse espaço é como ele adquire reciprocidade e legitimidade com o ambiente circundante.

Isso quer dizer, que estamos falando de diferentes níveis de compreensão da realidade, de diferentes dimensões, de como um local pode ser concebido, criado e, acima de tudo, compreendido e analisado, sobretudo por aqueles de que dele fazem parte.

O espaço geográfico, aqui em questão, é mais suave de ser notado, pois está sob a lente de crianças e adolescentes, de como elas descrevem seu lugar, seu espaço, cabendo aqui a apreciação dessas obras promovidas por elas e identificar, da melhor maneira possível, essas nuances presentes nos desenhos feitos por esses indivíduos.

Organização das idéias sobre a pesquisa

Tem-se como preocupação transformar a geografia em algo palpável, próximo da realidade do aluno, fazer senti-la pulsar no cotidiano desse educando que é agente transformador do seu lugar, e fazer que ele se reconheça assim, para que possa interpretar os fatos dentro de sua própria vivência.

Para tanto, não se deve perder de vista a importância da fundamentação dos conceitos-chave da Ciência Geográfica, a fim de orientar ações e interpretar reações, bem

como conceitos (espaço, lugar, território, região e paisagem). Por isso, associar teoria e prática é um desafio, pois para tornar o conhecimento científico algo agradável, é necessário garantir a interação do aluno, para que ele formule seus próprios conceitos e os integre aos conceitos da geografia.

Para isso, o bairro, entendido como o local mais próximo do aluno, poderia dar uma melhor condição de interação e construção espacial. Ainda dentro dessa perspectiva, pode-se também verificar a condição de território e territorialidades, a partir das confirmações de determinados lugares como deste ou daquele grupo, nos mais diversos horários do dia e da noite. Isso quer dizer: de que forma eles se apropriam do espaço em disputa, como estabelecem essa mobilidade de fronteiras, na fronteira espaço-tempo ou, ainda, como alguns atores, sejam eles adolescentes que praticam esportes, frequentadores de barzinhos, ou ainda alunos que transitam pelo bairro nos turnos de ante e pós-aulas.

Na dinâmica entre o uso e a ocupação dos lugares, atentar para o fato de que ambos são importantes dentro do funcionamento da comunidade, tais como se pode observar entre aqueles que são visíveis, as praças, as escolas, os mercadinhos, os bares, e aqueles invisíveis, mas tão importantes quanto, como nos casos das estações da CAGECE, e os conselhos tutelares.

Fatores como esses, em maior ou menor grau, ajudam a constituir o espaço, e as relações que dele derivam, sobretudo através das representações que dele surgem.

Considerando a proposta inicial, foi realizado um levantamento socioeconômico básico, ou seja, acurando informações sobre moradia em que pese sítio ou localização, rendimento escolar, visto aqui como série em que cada aluno está cursando e aferir se estão ou não dentro da faixa escolar recomendada, e o uso de equipamentos urbanos, compreendido como os locais, mercadorias e serviços que lançam mão, bem como, de que maneira estes se integram no ciclo produtivo inferior, próprio das periferias, seja de maneira consciente ou não, e também para se ter uma leve noção de que tipos de equipamentos existem no bairro e entorno e que tipo de serviços são prestados.

A amostra utilizada fora composta por alunos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Girão Barroso, situada no bairro Sítio São João, com amplitude de clientela que extrapola os limites físicos do próprio bairro em que se encontra, estabelecendo uma força de atração apesar de haver outros estabelecimentos de ensino nos arredores, assistindo crianças jovens e adultos do Conjunto Palmeiras I e II, Santa Filomena, São Cristóvão Almirante Tamandaré, Jangurussu e outros.

Como a intenção de se conhecer a área de estudo a partir do olhar desses alunos, e tentar compreendê-la a partir dos conceitos de espaço geográfico e território, vale ressaltar algumas considerações: primeiro, o caráter amostral da pesquisa, como supracitado, pois se trata exclusivamente de um estudo de caso, tentando perceber os usos e ocupações através dos olhares e saberes construídos pelos próprios alunos e comparar esses saberes com estudos preliminares sobre o assunto, como os de Almeida & Passini (1989) (representação da realidade e aprendizagem) e Freire (2005) verificar como o espaço e o território fazem-se presentes nas representações feitas por esses alunos.

Isto é, interagir o conhecimento e o grau de intimidade que a criança ou o adolescente vai construir sobre seu próprio meio. O modo como ele se apropria e se familiariza, garantindo um amadurecimento de noção deste conceito espacial, não só como uma simbiose de sistema de objetos: estruturas e formas; e sistema de ações, entendidos aqui como função e processo, mas também como espaço vivido, humanizado, delimitado, alicerçado e amalgamado no cerne das experiências, diretas e indiretas, no seu cotidiano mais simples, onde a cumplicidade com esse meio faça-o parte integrante e integrada deste, mas também compreensível dessas formas e relações, tendo em vista que são indissociáveis,

sobretudo quando se estabelecem elementos que os unam, dando-lhes maior relevância no imaginário e no seu fazer espacial.

Segundo, observar os mapas, desenhos, esboços, croquis, esquemas e todas e quaisquer representações feitas de maneira livre pelos próprios alunos, a partir da idéia que eles possuem do bairro, sem caracterização conceitual prévia, ou seja, conduzindo a atividade sem dar conceitos prévios do que fosse bairro, espaço, território, a fim de evitar direcionamentos da atividade e interferindo na veracidade das representações e no resultado final do processo de observação.

Como cada um vê o mundo com o olhar da própria experiência e em parte a partir da experiência dos outros, a construção da imagem do seu meio e entorno deve ser limpa de conceituações pré-elaboradas, e sim a partir do ponto de vista de cada indivíduo, sob risco de estar vendo diante de si reflexo de idéias que partiram dessas conceituações prévias e retornam de forma confusa e imprecisa. Portanto, o meio deve ser retratado na ótica do próprio observador para se ter um retrato, o mais fiel possível, do espaço do qual faz parte.

Não raro, pela própria formação conceitual de cada aluno, tanto pelas próprias experiências, como pelo que ouve de outros, há confusões sobre o que seja bairro, município, distrito, cidade, estado, e outras conceituações sobre divisões administrativas adotadas regularmente.

Terceiro, encontrar aspectos semelhantes a que deveriam ser semelhantes, isto é, ter alguns resultados previamente esperados, tanto na organização das idéias no desenho como na própria execução da atividade, considerando a faixa etária e nível de escolaridade, entendido aqui como saberes adquiridos, vividos e construídos, confrontados com experiências anteriores, relatados por teóricos da educação, como Freire (2005), e da aplicação desses conhecimentos para a Cartografia (Almeida; Passini, 1989) isto é, verificar na prática o resultado dos desenhos comparados por idade (faixa etária) e nível de escolaridade de faixas etárias distintas.

Considerando que o mundo é visto de formas distintas, pois cada um se apropria e utiliza-se do espaço de modos diversos, então cada elemento ou ação constituída deste vai ser retratado com destaque mais ou menos relevante, dependendo do nível de integração desse elemento em sua vida.

Porém, para o caso em questão, foram levadas em conta algumas considerações, como por exemplo, a faixa etária e o nível de escolaridade. Para tanto, de acordo com Skinner (apud Gurgel, 2003), podemos encontrar discrepâncias entre o que o cientista qualificou como idade cronológica (I.C.) e idade mental (I.M.), ou seja, diferença entre o resultado obtido e o resultado esperado de acordo com a idade do aluno, que pode ser observado em estudantes da mesma idade em séries (anos) diferentes ou alunos da mesma série, mas com idades distintas. Devem-se ainda observar o nível de abstração e representação do meio em que vive, como forma de compreensão do material apresentado e encontrar pistas da manifestação das noções de território e espaço.

Para esse estudo de caso foram utilizados dois procedimentos: inicialmente foi conduzido um pequeno levantamento sócio-econômico para identificar grupos etários, locais de moradia, faixas de escolaridade e usos e saberes sobre o ambiente em que mora e freqüenta, sendo atrelado o tempo em que mora no bairro. A propósito, este último aspecto, inclusive, será interessante para uma abordagem sobre identidade, que pode ser retratado naquelas representações através de espaços mais usados, mas que podem desaparecer para alguns, bem como, à primeira vista não relevantes, mas para outros estão bem vivos e visíveis para o usufruto deste ou daquele aluno.

Este levantamento foi feito para se traçar o perfil desses alunos, tentando encontrar similaridades e diferenças, de acordo com as variáveis sócio-econômicas, como mudança de endereço, se reside em uma moradia mais distante, tempo em que mora no mesmo bairro, se é

novato ou veterano na escola, se é ou não repetente, se está ou não fora da faixa escolar e a partir daí encontrar pistas de como o aluno vai representar sua realidade, que valores estão agregados no desenho que foi pedido, ou seja, tentar “ler” a realidade do aluno a partir dos seus olhares e ver como ele interage e se posiciona espacialmente. Que usos e ocupações ele atribui a esse espaço e principalmente como ele se apropria e o hierarquiza, ou melhor, segundo Santos (1997, p. 42-43) espaço homogeneizador e homogeneizado, na condução do fazer e agir de cada habitante, na construção de sua realidade.

Dentro dessa amostragem, foram escolhidos alunos de 6º ano (antiga 5ª série) ao 9º ano (antiga 8ª série) de uma mesma escola, num mesmo turno, o da tarde, com idades que oscilam entre os onze e dezoito anos incompletos, mas com ampla predominância de crianças e adolescentes dentro da faixa etária. Considerando essa amostra, serão observadas as diferentes faixas etárias, bem como os diferentes níveis de escolaridade que materializam suas vivências e seus usos em representações do seu ambiente. Nesse caso, pode-se dar ênfase no espaço como vivido, pelas suas relações estabelecidas com o ambiente, ou afetivo, na construção da apropriação espacial.

A partir desses fatores, buscou-se estabelecer parâmetros de observação desses mapas, tomando por base a noção deste elemento de análise, localização e interação como o meio circundante.

Dentro dessa amostra, será também visto como se encontram evidências da ocupação do espaço e da determinação do território, tendo em vista o modo como este vai ser concebido e entendido, mas também transformado e construído pelo cotidiano, resultante da dialética da construção do espaço.

Isso quer dizer identificar, a partir dos elementos e figuras retratados, o grau de intimidade com o meio e os diferentes usos que este aluno vai atribuir a estes locais, percebidos em diferentes escalas, o que dá um grau maior de importância desse ou daquele objeto para o aluno em questão.

É essa intimidade com o espaço que vai ajudar a representá-lo, dando mais ênfase e destaque a determinados elementos e ambientes, dando pistas e indicações dos tipos de sistemas de objetos que compõem esse cenário e que tipos de relações se estabelecem. Bem como, os diversos sistema de ações que ajudam a configurá-lo, através do fazer e das circulações de pessoas e também como mercadorias, capital e idéias; inclusive na construção de seu cotidiano, de acordo com Santos (1997), e tendo o aluno como agente integrante e integrado, ativo e participativo.

Assim entendido, um mesmo ambiente pode ter diferentes significados e concepções, dependendo de que grupos o formam e como cada um desses grupos estabelece determinadas funções e atributos a esses elementos, ou seja, um ambiente de lazer para um é local de trabalho para outros. Ademais, a importância dada a esses elementos, cria uma diferente noção de escala, tendo em vista que, numa representação que foge à rigidez da Cartografia convencional e científica, reinventa-se um novo tipo de escala, novas e diversas convenções, uma nova linguagem cartográfica. Portanto, recebem maior destaque, por parte de quem o faz e representa, indicando que são mais importantes dentro da construção do espaço.

Resgate histórico da formação da área de estudo: Conjunto Palmeira e entorno

O próprio processo de crescimento e expansão urbana da cidade de Fortaleza, refletindo a tendência nacional de urbanização desenfreada e não-planejada, acaba justificando o surgimento de várias franjas urbanas na cidade, como as periferias, sobretudo a partir dos anos 60 e 70 do século passado.

A própria pressão exercida pelo poder público e pelas classes sociais mais abastadas acabou empurrando essas comunidades outrora litorâneas para o interior do município, sem a menor condição de moradia e infra-estrutura.

Inclusive, essa situação de omissão e ineficácia do poder público, atrelado ao encolhimento do estado e desobrigação deste com o aspecto social, acaba reparando essas responsabilidades pra a iniciativa privada e membros do terceiro setor como associações de moradores e ONGs.

Esse quadro representa o momento histórico em que o Brasil passa por transformações nos campos sociais e econômicos, acentuando as desigualdades sociais e os problemas que vêm junto com ela, como desemprego, déficit habitacional, déficit educacional, marginalidade e criminalidade, como expurgo de uma sociedade que não é atendida de maneira efetiva pelo estado que a representa, como um tipo de superpopulação relativa, aumentando o abismo entre ricos e pobres, sobretudo em uma cidade como Fortaleza, que é uma das que apresenta maior concentração de renda no país entre as capitais.

Para o surgimento de conjuntos habitacionais, isso se fez como consequência do processo e de expansão urbana da capital, que se orientou de forma mais incisiva a partir dos anos sessenta e setenta do século passado, quando de uma maior valorização das faixas costeiras, forçando a expulsão dos moradores que habitavam essas faixas, pela pressão social e econômica, muitas vezes justificada pelas razões higiênicas, estéticas e de ordenamento urbano da metrópole.

Cita-se como exemplo, a remoção das favelas do Centro da cidade (arraial Moura Brasil, Cinza), quando da construção da Avenida Leste-Oeste em 1973. a população destas áreas foi deslocada para o distrito da Jurema, no município de Caucaia, que na época encontrava-se totalmente desprovido de qualquer infra-estrutura ou serviço. Esta política de desfavelamento caracterizava-se, portanto, pelo deslocamento daquela população das áreas centrais da cidade e dos trechos de bairros nobres, como a Aldeota, para periferias urbanas, em áreas desprovidas de infra-estrutura e de equipamentos sociais. Assim surgiram os loteamentos do Conjunto Marechal Rondon, Alvorada, e Conjunto Palmeiras, dentre outros. (SOUZA, IN: SILVA et.al 2006, p.154).

Quando do surgimento desses conjuntos, os primeiros moradores vieram sem o mínimo de infra-estrutura, ou seja, o homem chega antes da organização do espaço, ao passo que para as camadas mais abastadas, existe toda uma proposta de uso e ocupação do território. Isto é, a quantidade e diversidade de bens, serviços e mercadorias está diretamente proporcional ao poder aquisitivo.

No caso em questão, trata-se de um ambiente especificamente urbano, de uma metrópole brasileira, enquadrada como periferia, onde são encontradas problemas e contradições próprios do local, bem como relações sociais das mais diversas, influenciadas e influentes nesses constante processo de construção, desconstrução e reconstrução do espaço.

A Escola Antônio Girão Barroso, encontra-se num bairro de periferia, típico das franjas urbanas de uma grande metrópole, resultante do processo de urbanização tão desorganizado quanto recente, que gera desagregação social, econômica e conseqüentemente cultural.

Essa realidade, nos arredores de Messejana, proliferam projetos de inclusão social, como o SOMAR, o Banco Palmas (O P-Lies, o PalmaCard e a moeda do bairro, o Palma), o CSU – Centro Social Urbano, e os ABC's. Mas, que por agirem de forma desconexa e desorganizada, acabam não surtindo plenamente o efeito desejado, refletidos no alto teor de delinquência infanto-juvenil, face à falta de perspectiva e da valorização e glamour que o crime assumiu nos últimos tempos.

A grande demanda de crianças e adolescentes no bairro e arredores da escola, exerce uma pressão demográfica muito grande, o que obriga os responsáveis por eles a abandoná-los enquanto procuram sair das estatísticas de desemprego e exclusão social, ao ponto que ou são captados pelas escolas ou pela criminalidade que ronda o local.

Porém, alguns fatores minimizam essa realidade. Visitas regulares de circos mambembes, ou de parques de diversões itinerantes servem de válvula de escape para a comunidade, servindo ainda de atrativo para as comunidades vizinhas, como São Cristóvão, Santa Filomena e Santa Maria, todas nos arredores do distrito de Messejana.

Além desses esporádicos, a comunidade servida pelo E.M.E.I.F. Antônio Girão Barroso conta ainda com festividades sazonais, como os festejos joaninos, nas praças e campos do bairro, durante todo o período festivo, atividades voltadas para a terceira idade, no CSU e, ainda, torneios de futebol que movimentam os finais de semana.

Tanto uma abordagem como outra, buscam, em princípio, aproximar a realidade da Geografia para a sociedade, aqui representada pelos alunos de 6º ao 9º anos do ensino fundamental, ou seja, tirar da abstração e trazer para algo mais concreto, palpável, perceptível, para alcançar a essência que o meio traz à tona a partir dos conceitos básicos da Ciência Geográfica.

De acordo com Carlos (2001, p. 28), o espaço seria o resultado do processo dialético da relação homem/natureza, com informações e detalhes que vão além do que é visível, do que é notório. E essas relações, perceptíveis só como essência, esconderia fenômenos, contradições e intimidades com o próprio meio.

Aproximando ao estudo de caso, a que a pesquisa se propõe observar e analisar, tem-se um exemplo das cores da cidade, especificamente da periferia: “passando pelo vermelho (das ruas sem asfalto, das vertentes desnudas sem cuidado).” (Carlos, 2001, p. 22), onde nota-se ainda o reforço das casas feitas sem reboco, e da tinta da violência (sangue) que mancha e lava o chão.

Construindo o espaço

O espaço geográfico caracteriza-se como um dos conceitos-chave da Geografia, está prenhe de transformações, ainda entendido como relações. Pelo amadurecimento conceitual têm-se distintas formas de apreendê-lo, de notá-lo, de senti-lo. Assim compreendido, vale reforçar, este pode ser manifestado em representações cartográficas, que são amalgamadas na percepção humana e seu papel na construção deste espaço.

Como foi antecipado, serão analisadas algumas dessas representações, feitas por crianças e adolescentes de uma escola pública de periferia, Escola Antônio Girão Barroso, local bem conhecido por muitos deles, pois a grande maioria, se não nasceu lá, já vive no bairro e entorno há mais de nove anos. Isso quer dizer que, os mapas feitos por eles demonstram como eles vêem a sua realidade e como se apropriam dela.

Para uma primeira análise, tomemos como observação uma mesma área, esquadrinhada por quatro alunos, sendo de idades distintas, doze, treze, catorze e dezessete anos, respectivamente, sendo que o primeiro cursa o sexto ano (antiga quinta série), o segundo, o oitavo ano (antiga sétima série) e os dois últimos, o nono ano (antiga oitava série).

A área mostrada por eles é a entrada do bairro Conjunto Palmeiras I, acesso pelo bairro Tamandaré, pela Avenida Castelo de Castro. É interessante salientar nesses desenhos, é que, apesar de ser a mesma área, os alunos a representaram de formas distintas, ou seja, da forma como eles a vêem, e também como eles se relacionam com essa região em questão.

No primeiro mapa (figura 01), de um aluno de doze anos, percebe-se uma noção de proporcionalidade, tanto de áreas como de distâncias. Mas nesse mesmo mapa, preocupou-se em enfatizar determinados pontos, como a igreja, uma escola, o posto de gasolina, a entrada

do bairro Tamandaré. Podem ser entendidos como pontos de referência, como também vistos como locais de maior integração dele com o bairro, locais por onde ele passa com mais frequência, ou que tem maior afinidade. Os outros elementos do mapa, como os registros que sugeririam casas ou pontos comerciais, indicam, locais não representados que, talvez, até os utilize, mas não com tanta frequência ou importância, ou não lhe chame tanto à atenção como os demais pontos retratados.



FIGURA – 01 B. de C. P., 12 anos. 6º ano (março de 2007).

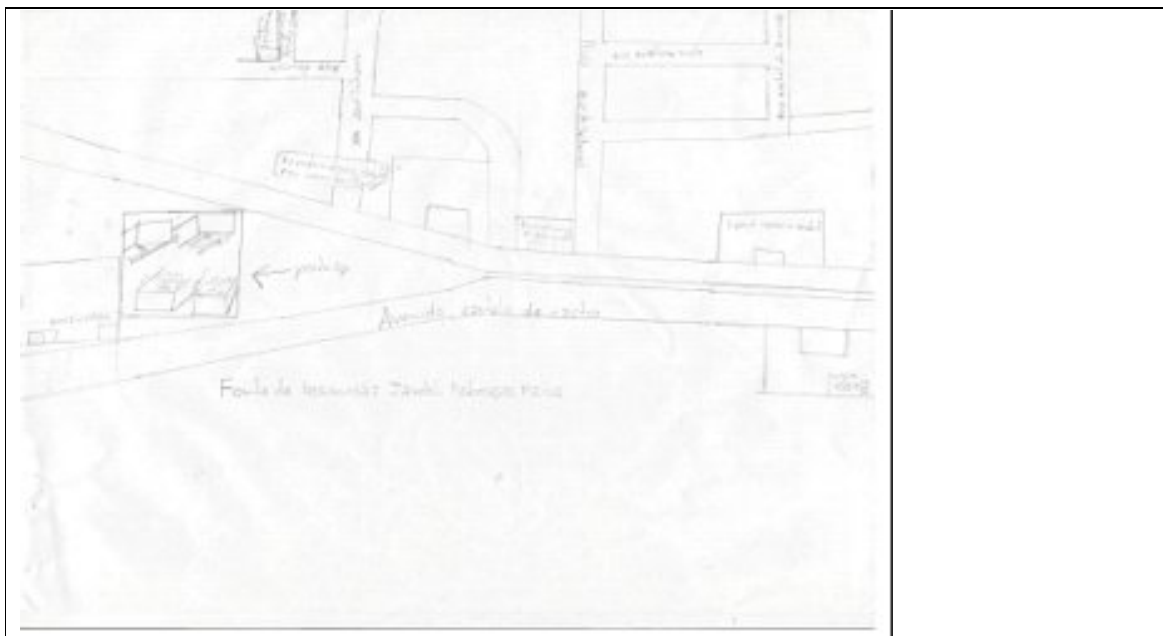


FIGURA – 02 J. R. P., 14 anos. 9º ano (março de 2007).

No segundo caso (fig. 02), do aluno do nono ano, de catorze anos, já se percebe uma maior preocupação com detalhes, como mudanças percebidas no ambiente, onde ele registra

um processo de construção de um determinado ponto comercial, identificação de vias de acesso, indicando um maior interesse em situação do espaço, como o nome de ruas próximas, não observadas no mapa anterior.

Nesse mapa, elaborado por um adolescente mais velho e em série mais avançada, também se nota uma maior riqueza de detalhes, como a preservação de proporção de área e distância, e marcação dos pontos, segundo ele, mais importantes ou significativos. Diferentemente do mapa anterior, esse mapa mostra o outro lado da avenida, omitindo o bairro Tamandaré, pouco usual para esse aluno.

O terceiro mapa (fig. 03), desenvolvido por uma menina do oitavo ano, treze anos, mostra uma outra área aos arredores da mesma região que, apesar de mostrar alguns elementos comuns aos mapas anteriores, como o posto, dá maior ênfase à favela existente próxima à sua casa, não foi registrada pelos desenhos anteriores. Vale ressaltar a pressão social exercida, através do registro de um tiroteio que, a rigor, não entraria num mapa comum. Nota-se ainda, a área ocupada por essa favela, tem dimensões bem consideráveis.

Outro fator digno de nota, nesse mapa, seria a organização do espaço mostrada por ela, justamente na contradição entre as ruas feitas pelo poder público e a distribuição das casas e ausência de ruas no interior da favela, indicando dualidade de ocupação espacial. Os demais locais são registrados como vazio, seja pelo desconhecimento das áreas em questão ou por não considerá-las importantes nesse caso ou no seu cotidiano.



FIGURA – 03 M. K. da S. N., 13 anos. 8º ano (março de 2007).

O último (fig. 04) foi elaborado por um aluno do nono ano também, mas de dezessete anos, que em virtude de sua idade, lhe confere mais mobilidade no bairro, lhe dá mais opções de observação e, portanto, maior oportunidade de buscar detalhes. Nesse caso, a sua representação foi mais artística, mostrando o bairro numa perspectiva tridimensional, numa situação bidimensional, como se fosse observado por alguém a pé.

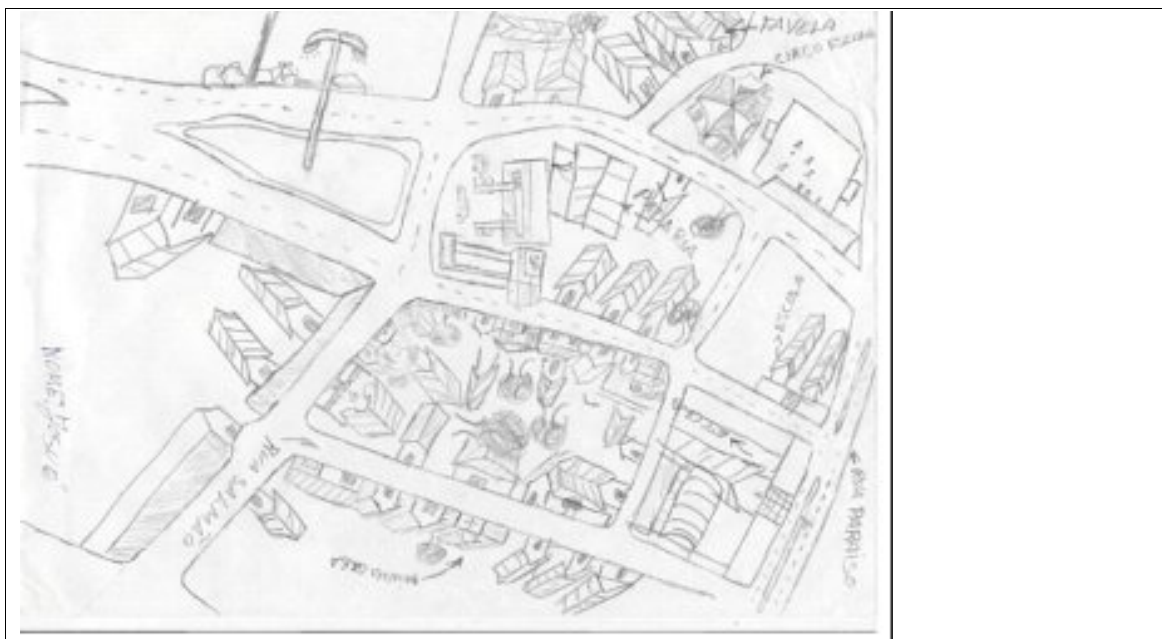


FIGURA – 04 J. da S. L., 17 anos. 9º ano (março de 2007).

O que lhe confere uma maior riqueza de detalhes, como a inclusão de uma favela existente. Isso ressalta não só o conhecimento desta (o que deve também ocorrer com os demais), mas a sua interação com ela, pois, do ponto de vista dos quatro, só este e o anterior a representou, inclusive com a rua de acesso por ela que, curiosamente, seria o caminho mais curto para a escola onde estudam. Mas somente ele sugere o trânsito por dentro da favela, pela variedade de informações sobre ele representadas em seu mapa.

Faltou, entretanto, registrar a presença de um riacho nas imediações da Avenida Castelo de Castro, bem como outras vias de acessos principais, que foram omitidas ou parcialmente representadas como a Avenida Valparaíso, além de outros equipamentos urbanos, como o banco Palmas e o Circo-escola.

Essas constatações reforçam a idéia de que esses mapas seriam o reflexo de sua interação com o bairro em que moram, o que indica que eles não o utilizam por completo ou não conferem importância a esses elementos, apesar de serem importantes para a dinâmica social, cultural e política do bairro Conjunto Palmeiras.

Outros exemplos de mapas indicam variações do espaço, apresentando áreas diferentes, mas com similaridades, em função de como são mostradas e da dimensão que esses elementos ganham dentro do mapa.

Nesse grupo de mapas analisados, apesar das diferenças entre idades e níveis de escolaridade, todos eles, assim como os demais que foram observados, apresentam algo em comum: sempre indicam lugares e as situações próximas à sua realidade, de como eles interagem com sua vida, com seu cotidiano, ou seja, elementos, pessoas, que ajudam a construir seus conceitos sobre o local em que vivem.

De acordo com Santos (IN: Castro, 1995. p. 28-29), em sua análise espacial, este pode ser mais bem compreendido através de suas quatro categorias (estrutura, processo, forma e função), e o que se observa ainda nesses mapas é justamente a superposição dessas categorias. Seja através dos elementos que se seguem, ou da idéia de ação e relações sociais dentro dessa representação, como no caso do mapa da aluna que registrou a favela e um tiroteio dentro dela, como parte de seu cotidiano.

Nesses mapas já estudados, notam-se as relações interpessoais existentes no bairro, como partidas de futebol, o trânsito de pessoas pelas ruas e praças, sugerindo um processo de

constante transformação e construção do espaço geográfico. Dentro desses mapas também se observam fluxos de veículos, dando idéia de ações, tanto de pessoas como de mercadorias, sugerindo uma situação de processo econômico.

Entretanto, se observarmos essas representações sob a óptica da Geografia Humanista, alguns elementos devem ser percebidos.¹ Tomando por base o conjunto de experiências vividas e sentidas por esses alunos ao longo de sua vida, considerando que estes viveram quase todo o tempo no mesmo bairro, no caso em questão os bairros do entorno da escola, não seria extraordinário observar elementos presentes e outros ausentes em alguns desses mapas, tendo em vista que a experiência de cada um é edificada de modo distinto. Sabe-se que a valorização ou não de determinados espaços e outros não passam a fazer parte desse indivíduo, dando-lhe uma maior intimidade e cumplicidade com esse meio ou elemento que compõe a paisagem ao seu redor.

Isso significa, que esses espaços ganham dimensões diferentes, assumem formas e significados próprios e mutáveis de indivíduo para indivíduo, resultado das somas de experiências pessoais e coletivas, de realidades vividas no ontem e no hoje, dele e de outros, que carregam em si tempos desiguais e valores desiguais, tendo em vista que esse ambiente é fruto da ação contínua da construção e reconstrução humana sobre o meio.

Isso quer dizer, que, dependendo do grau de intimidade com o meio em que vivem, alguns elementos ou ambientes podem parecer de modos diferentes para cada indivíduo. É resultado de como ele interpreta cada um desses elementos.

Para se definir como espaço vivido, esses mapas representariam uma aproximação afetiva entre seus elementos componentes, como por exemplo, a casa e a escola, que estão bem próximas na folha de papel, mas, que são unidas através de linhas que representam ruas e as distanciam.

Isto quer dizer que, no papel, a aparente distância entre a casa e a escola, ou ainda outro elemento urbano, ou ambiente que foi registrado é menor do que realmente é, não pelo fato de uma escala maior ou menor, mas pelo fato de que para o aluno, a distância para ele é menor. Ele não percebe essa distância da mesma forma que deveria ser percebida. Essa distância some, desaparece ao seu olhar, em virtude da cumplicidade que ele assume com este elemento, mesmo que no papel, este apareça ao lado, e o caminho entre eles dê uma idéia de afastamento.

Considerando esses fatores, esses mapas desenvolvidos por esses alunos indicam o que eles vêem como seu bairro. Que relações sociais eles desenvolvem no seu cotidiano? Se vão ao mercado, se freqüentam praças, igrejas, ou os projetos sociais, que proveito eles tiram do fazer espacial do local onde eles vivem e que ambientes visitam, e de que forma interagem com eles. Essas constatações podem ser mais bem observadas a partir de alguns mapas elaborados por alunos de uma mesma faixa etária, treze anos, mas de séries diferentes, sétimo e oitavo anos, respectivamente, sugerindo algumas semelhanças, apesar do nível de escolaridade.

Considerações Finais

Um trabalho como esse, de investigação dentro de um universo tão singular que é o fazer espaço-temporal do ser humano, sobretudo a de crianças e adolescentes, nos coloca numa situação interessante: apesar de esses indivíduos ainda não terem atingido um certo grau de maturidade, de ainda terem muito que aprender e crescer, já possuem um determinado nível de compreensão da realidade.

¹ Segundo Tuan (1979) no estudo do espaço no âmbito da geografia humanista consideram-se os sentimentos espaciais e as idéias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência (IN: Castro et al, 1995, p. 30).

As diferenças entre idades existem, e por muitas vezes fizeram-se presente nos diferentes desenhos mostrados por eles. Dentro dos mais de duzentos desenhos elaborados, foram escolhidos onze deles. Não por serem mais bonitos, ou mais bem elaborados, mas sim por indicarem uma visão pessoal do seu bairro, de seu local de moradia (muitos dos trabalhos representaram somente itinerários casa-escola, outros representavam a cidade como se fosse o bairro, ou mesmo o país), bem como pelas pistas deixadas por eles nesses desenhos, como meio de comunicação destes com o meio exterior, onde estão presentes não só espaço físico, mas também suas experiências, suas vivências suas angústias, seus medos, suas relações sociais estabelecidas e a estabelecer, em suma, parte de sua vida está retratada naquela folha de papel.

Selecionar alguns destes “retratos sociais”, não foi tarefa fácil, pois se tinha que escolher aqueles trabalhos que melhor expressassem as nuances do espaço, de forma que também fosse possível perceber as variáveis idades e nível escolar. Por isso, esses mapas foram divididos em três grupos: um que, coincidentemente, exibiram o mesmo trecho do bairro, onde se pode observar melhor a diferenças entre idades dos alunos. Excelente, inclusive, para a abordagem deste conceito a partir do que foi mostrado por eles; e os dois outros grupos, um com mapas elaborados por crianças de onze anos e outro por adolescentes de treze, para mostrar a diferença de nível escolar, pois apesar da idade, estavam em séries diferentes. Como também comparar o nível de abstração e percepção do meio entre o grupo de alunos de onze e treze anos.

O que foi percebido, então, é como apesar de serem tantos mapas diferentes, feitos por pessoas diferentes, com idades e níveis escolares distintos, apontaram basicamente para a mesma direção: mapas que exibem o espaço geográfico que pode ser interpretado de todas as maneiras possíveis, bem como um território amplo, diversificado, superposto, concorrente e complementar com outros territórios existentes. Contudo, esse trabalho não tem o interesse em esgotar a discussão. Ao contrário, deixa muitas lacunas, das quais, o registro por parte dos sujeitos pesquisados, bem como uma análise mais detalhada entre o representado e o vivido por parte desses sujeitos, o que daria maior integração entre os mapas e o que foi analisado até esta pesquisa.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R. D. **Do desenho ao Mapa:** iniciação cartográfica na escola. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006 – (Caminhos da Geografia).

ALMEIDA, R. D., PASSINI, E. Y. **O Espaço Geográfico:** ensino e representação. São Paulo: Contexto, 1989.

CARLOS, A. F. A. **Espaço Tempo na Metrópole.** São Paulo: Contexto. 2001. p. 11-44.

CARLOS, A. F. A. **A cidade:** o homem e a cidade: a cidade e o cidadão: de quem é o solo urbano. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTELLAR, S., MAESTRO, V. **Geografia,** 5º série. 2. ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 2002 – (Coleção Geografia).

CLAVAL. P. **Espaço e Poder.** Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979. p. 07-69.

CLAVAL. P. **A Nova Geografia.** Coimbra: Livraria Almedina. 1987. p. 15-36.

CORRÊA, R. L. **Espaço**: um conceito-chave da Geografia. **IN**: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. da C., CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas** (organizadores). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 (Coleção Leitura).

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOOGLE EARTH. **Imagem Aérea do Bairro Conjunto Palmeira**. Escalas variam. Disponível em: <<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 07 ago. 2007

GURGEL, E. A. **A aprendizagem humana e os teóricos do conhecimento**. Fortaleza: SESC CEARÁ, 2003.

LEFEVRE, H. **O Espaço e o Estado**. **IN**: LEFEVRE, H. **L'Etat**. Vol. IV. s/e, s/a, p. 259-324.

NOGUEIRA, A. R. B. **Mapa Mental**: Recurso Didático no Ensino de Geografia no 1º Grau. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: USP 1994.

NOGUEIRA, A. R. B. **Percepção e Representação Gráfica**: A “Geograficidade” nos Mapas Mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas (Tese de Doutorado). São Paulo: USP 2001.

NOVA ESCOLA. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Fáceis de Entender. De 5º a 8º série. São Paulo: Abril. [200-]. p. 19. Ed. Especial.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo. Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. 4ª ed. 4ª reimpr. São Paulo: EDUSP, 2008.

SILVA, J. B. da; DANTAS, E. W. C.; ZANELLA, E.; MEIRELES, A. J. A. (Orgs). **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no Nordeste brasileiro**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. ISBN978-85-7563-278-9.

SILVA, J. B. da; CAVALCANTE, Tércia Correia; ZANELLA, E.; SOUSA, M. S. (Orgs). **Ceará: um novo olhar Geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. 2ª ed. ISBN 978-85-7529-338-6

SOUZA, M. J. L. **O território**: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. **IN**: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. da C., CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas** (organizadores). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia: Contribuição Para o Ensino do Pensamento Geográfico**. 2ª Ed. São Paulo. Editora UNESP. 2004.